

**ASCENDENTES MATERNOS DE EDITH DO LIVRAMENTO DUTRA:
LEVANTAMENTO EM CERTIDÕES ECLESIASTICAS**

*Humberto Gonçalves Reis*¹

RESUMO: *Arquivos eclesiásticos podem fornecer informações valiosas a genealogistas. Os batismos e casamentos realizados no passado permitem ao pesquisador descobrir gerações sucessivas registradas numa mesma paróquia. A presente pesquisa foi realizada em arquivo eclesiástico de batismos e casamentos ocorridos em Florianópolis e Salvador, partindo do período do nascimento de Edith do Livramento Dutra e retornando cronologicamente até a época da ocupação açoriana do sul do Brasil, em meados do século XVIII. Enlaces foram realizados com pesquisas anteriores e informações disponíveis na internet envolvendo os antepassados de Edith Dutra, o que reforçou os achados iniciais de marcada ascendência açoriana, típica do histórico da cidade de Florianópolis. Outra constatação foi a intensa presença dos homens nas fileiras militares. Os registros eclesiásticos encontrados e os enlaces posteriores foram de fundamental importância para a confecção dos costados de ascendência materna de Edith do Livramento Dutra.*

ABSTRACT: *Ecclesiastical archives can provide valuable information to genealogists. The baptisms and marriages performed in the past allow the researcher to discover successive generations recorded in the same parish. This research was conducted in ecclesiastical archive of baptisms and marriages that occurred in Florianópolis and Salvador, from the period of the birth of Edith Livramento Dutra and returning chronologically until the time of the Azorean occupation of southern Brazil in the mid-eighteenth century. Links were made with previous research and information available on the internet involving the ancestors of Edith Dutra, which reinforced the initial findings of marked Azorean descent, typical of the historic city of Florianópolis. Another finding was the strong presence of men in military ranks. The church records later found and the links were crucial for the fabrication of topsides of Edith's maternal ancestry of Deliverance Dutra.*

¹ Doutor em Medicina pela Universidad Complutense de Madrid (Espanha). Membro da ASBRAP e do Colégio Brasileiro de Genealogia. Membro da Sociedade Brasileira de História da Medicina.

INTRODUÇÃO

Edith do Livramento Dutra nasceu a 27 de fevereiro de 1904 na ilha de Florianópolis, capital do Estado de Santa Catarina. Ainda jovem foi para a ilha de São Francisco do Sul, onde casou-se, em 18 de agosto de 1926, com Antônio Rodrigues Gonçalves, que havia migrado com seus pais de Iguape, São Paulo, em busca de vida melhor na cidade catarinense. Antônio faleceu precocemente em 1939, deixando a viúva Edith com seus quatro filhos.

Neida Gonçalves, uma das filhas do casal, tinha 11 anos quando seu pai faleceu. Na idade adulta, casou-se com um funcionário da marinha mercante, Haroldo Teixeira Reis, com quem teve um casal de filhos. Neida falecera antes de completar os 30 anos de idade, de modo que Edith – que assumiu como nupente o nome de Edith Dutra Rodrigues Gonçalves – chamou para si a responsabilidade pela criação e educação dos netos Haroldo e Ruth Cléa. Seu legado de entrega à família só encontrou fim com o seu falecimento, ocorrido em 26 de abril de 1982, aos 78 anos.

METODOLOGIA

O estudo foi realizado no período de agosto a novembro de 2009 no Arquivo da Cúria Metropolitana de Florianópolis e de janeiro a abril de 2011 no Laboratório de Conservação e Restauro da Universidade Católica de Salvador. Atuaram na pesquisa – em conjunto com o autor – os investigadores Ninéia Raitz, em Florianópolis, e André Luis Freire Lima Filho, em Salvador, ambos com ampla experiência em pesquisa genealógica embasada em arquivos eclesiásticos. A metodologia utilizada foi a de busca sucessiva dos registros de batismo ou casamento.

A investigação teve início com os dados da Certidão de Óbito de Edith Dutra Rodrigues Gonçalves, que indicava seu nascimento em 27 de fevereiro de 1906 na ilha de Florianópolis. A Certidão de Casamento, de 18 de agosto de 1926, apontava a mesma data e local de nascimento, e seu nome de solteira: Edith do Livramento Dutra.

RESULTADOS

A primeira certidão encontrada, a de batismo de Edith do Livramento Dutra¹, lavrada aos 15 de junho de 1904, confirmou os nomes de seus pais – Ildefonso da Silva Dutra e Ormindá do Livramento Dutra – e indicou os nomes de seus avós paternos, José Quintino Dutra e Rita de Cássia Dutra, e maternos,

Velosimo do Livramento e Carolina Azevedo do Livramento. Sua descoberta foi dificultada pelo fato do registro de casamento, de 1926, indicar o ano de 1906 como o ano de seu nascimento. Na certidão de batismo encontrada consta o nascimento de Edith Dutra em 27 de fevereiro de 1904.

A certidão de casamento dos pais de Edith Dutra² indicou que o casal havia contraído matrimônio depois do seu nascimento: Ildefonso da Silva Dutra casou-se com Ormindá do Livramento – que adicionou como nubente o sobrenome Dutra – em 08 de dezembro de 1912. Na certidão constavam os nomes dos pais do noivo, José Quintino Dutra e Rita de Cássia Dutra, e da noiva, Velocínio Lourenço do Livramento e Carolina Dácia do Livramento.

Os recém-casados haviam sido batizados em Florianópolis, motivo pelo qual não foi difícil encontrar os dois registros de Batismo. Ormindá, nascida em 16 de agosto de 1884 e batizada em 20 de setembro de 1884³, com os seguintes termos: “*filha legítima do Cadete Velocínio Lourenço do Livramento e de D. Carolina de Azevedo Livramento; netta paterna de João Luiz do Livramento e D. Armindá Amália do Livramento, netta materna do Tenente Colatino Teixeira de Azevedo, e D. Virgínia Thomásia de Azevedo, todos desta Província, a exceção do avô materno que é natural da Bahia*”. Ildefonso, nascido em 03 de janeiro 1878 e batizado em 15 de março de 1879⁴, com os seguintes termos: “*filho legítimo de José Quintino Dutra, e Rita Cássia da Silva; avós paternos João Manoel Dutra, e Paulina Rosa Dutra; avós maternos José Caetano da Silva e Cesária Luíza da Silva*”. Como curiosidade familiar, dizia-se que Ormindá possuía o dom de falar com os espíritos.

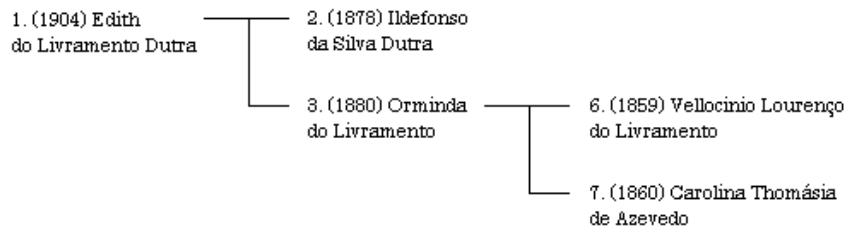


Fig. 1 - Ascendência de Edith do Livramento Dutra.

A linhagem materna

Vellocínio Lourenço do Livramento, avô materno de Edith, casou-se com Carolina Thomásia de Azevedo em 21 de outubro de 1882 na Matriz de Nossa Senhora do Desterro⁵. Por ocasião do casamento, foi citado nos registros como Primeiro Cadete. Em sua certidão de batismo⁶ consta que Vellocínio nasceu em 08 de janeiro de 1859 e fora batizado em 12 de fevereiro do mesmo ano, sendo “filho legítimo do Tenente João Luiz do Livramento e de D. Arminda Amália do Livramento e Silva, neto paterno do Capitão Domingos Luiz do Livramento e de D. Marianna Joaquina do Livramento, materno de Joaquim Caetano da Silva e de D. Rita Joaquina da Silva, todos naturaes e batizados nesta Freguezia”. Carolina, nascida em 18 de dezembro de 1860, também fora batizada na Matriz de Nossa Senhora do Desterro na data de 17 de janeiro de 1861, com os seguintes termos⁷: “filha legítima do Alferes Colatino Teixeira de Azevedo e Virgilina Thomásia de Farias; Avós paternos Francisco Teixeira de Azevedo e Maria Tolentina Teixeira de Azevedo; Avós maternos João Antônio Farias e Laurinda Maria da Conceição”.

No parágrafo acima percebe-se a forte inclinação militar neste ramo da família. Carolina é filha do Alferes Colatino e casa-se com o Primeiro Cadete Vellocínio, sendo este filho do Tenente João Luiz e neto paterno do Capitão Domingos Luiz do Livramento. É interessante observar que todos os homens citados possuíam patentes militares à época do Império do Brasil, uma vez que a República foi instaurada somente em 1889.

Antepassados do avô materno

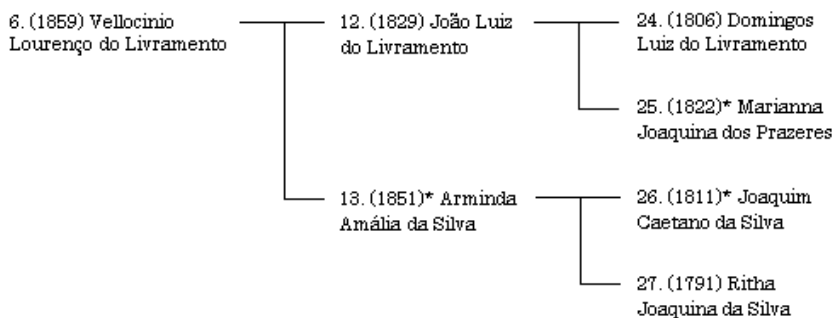


Fig. 2 - Ascendência de Edith do Livramento Dutra, partindo de seu avô materno.

* Data de casamento.

O pai do Cadete Vellocínio foi o militar João Luiz do Livramento, nascido em Florianópolis no dia 29 de março de 1929⁸. Sendo filho, neto e bisneto de militares leais à monarquia, contraiu núpcias com Arminda Amália da Silva no ano de 1851, nos termos do registro de casamento⁹: “(...) *Se receberão em matrimônio com palavras de presente João Luiz do Livramento, filho legítimo do Capitão Domingos Luiz do Livramento e D. Marianna Joaquina do Livramento, natural desta Cidade, com Arminda Amália da Silva, filha legítima de Joaquim Caetano da Silva e D. Ritta Joaquina da Silva, natural desta Cidade*”.

No ano de 1822 – ano da Independência do Brasil – o então Alferes Domingos Luiz do Livramento casou-se com Marianna Joaquina dos Prazeres. Período conturbado da história nacional, que forçou os militares a posicionarem-se entre Portugal ou Brasil. Os poucos militares que eram brasileiros natos, como Domingos, incorporaram-se imediatamente à recém-criada Armada Nacional ou ao Exército Imperial¹⁰. Cabe recordar que a Guarda Nacional, criada pela Constituição de 1824, reforçava o nacionalismo necessário à época e concedia direitos aos proprietários de terras, os coronéis, que armavam suas milícias contra pequenas revoltas¹¹. O Exército, enfraquecido por tal medida, manteve-se ativo e presente nas guerras nacionais, tais como as que envolveram o Brasil contra a Província Cisplatina (hoje, Uruguai) e o Paraguai. Na Certidão de Casamento encontrada nos arquivos da Cúria¹², consta que casou-se o “*Alferes Domingos Luiz do Livramento, filho legítimo do Major Domingos Luiz do Livramento e de D. Anna Maria Joaquina do Livramento, com D. Marianna Joaquina dos Prazeres, filha legítima do Licenciado Jacinto José Pereira e de D. Luíza Maria da Silva*”.

Joaquim Caetano da Silva, avô materno de Vellocínio, casou-se com Rita Joaquina em 1811¹³. Ele, “*filho legítimo do Ajudante Aleixo Maria Caetano e de D. Joanna Antônia*”; Ela, “*filha legítima de Francisco Antônio da Fonseca e de Desidéria Rosa*”. Na Certidão de Batismo de Rita¹⁴, consta que seu pai Francisco Antônio da Fonseca nascera na Freguesia de Santa Luzia da Ilha Terceira, Açores, enquanto sua mãe havia nascido na Ilha do Desterro (Florianópolis). Os pais de Francisco Antônio chamavam-se Mathias Antônio e Leonarda Francisca, nascidos e batizados na mesma Freguesia de Santa Luzia. Os pais de Desidéria eram Pedro Mendes e Thereza de Jesus, ambos naturais da Freguesia de São Pedro da Ilha Terceira. Não foram encontrados registros do Oficial Aleixo e de Joanna, pais de Joaquim Caetano da Silva; Entretanto, os dois ramos de Rita Joaquina conduzem a açorianos imigrantes da Ilha Terceira.

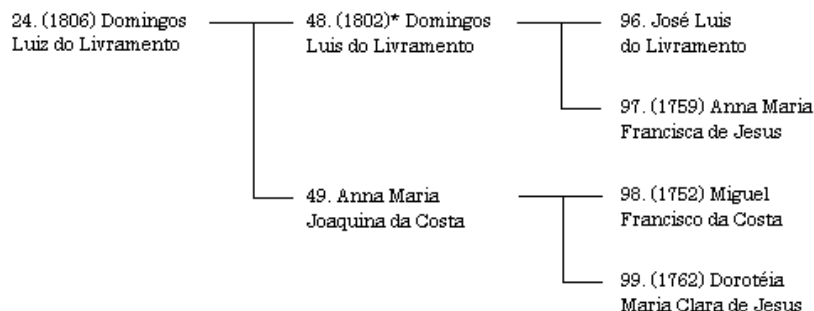


Fig. 3 - Ascendência de Domingos Luis do Livramento, trisavô materno de Edith Dutra.

* Data de casamento.

A linhagem de militares da qual descende Vellocínio é ligada – principalmente, mas não exclusivamente – ao sobrenome Livramento, fato identificado claramente em dois Registros de Batismo: o de Domingos (Figura 3), ocorrido em 1806¹⁵, e o de Maria, ocorrido em 1840¹⁶. O Oficial José Luis do Livramento, capitão por ocasião do nascimento de seu neto Domingos, foi citado como Tenente-Coronel no batismo de sua neta Maria, filha de seu filho – pertencente a ramo colateral – o Major João Luiz do Livramento. O padrinho deste batismo foi o Capitão Miguel Joaquim do Livramento, o que comprova a intensa relação familiar com a vida militar.

Por outro lado, o avô materno de Domingos, Miguel Francisco da Costa, também possuía a patente militar de Capitão em 1806. Miguel era o segundo de seis irmãos¹⁷. O mais caçula deles, Joaquim Francisco do Livramento, seguiu carreira religiosa, tendo participação ativa na criação das Santas Casas de Misericórdia do Desterro e Porto Alegre¹⁸. O Frei Joaquim Francisco do Livramento faleceu em Marselha, na França. O Capitão e o Frei Franciscano eram filhos de Thomás Francisco da Costa, Sargento-Mor do Exército Português.

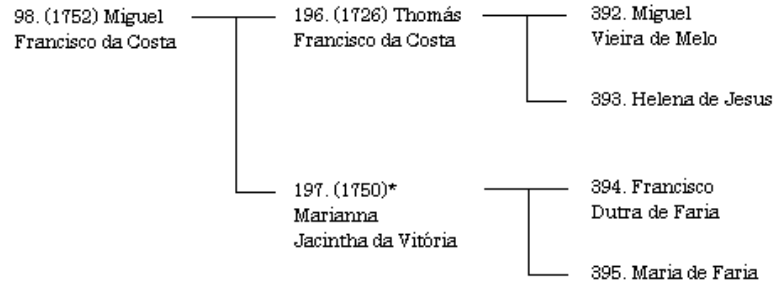


Fig. 4 - Ascendência de Miguel Francisco da Costa, pentavô materno de Edith Dutra.

* Data de casamento.

De Thomás Francisco da Costa, um dos pioneiros no povoamento açoriano do Desterro, referido como Sargento-Mor e também como Capitão de Ordenanças nas fontes pesquisadas^{17,19}, sabe-se que nasceu em 06 de abril de 1726 (algumas fontes apontam 1729) na Freguesia da Conceição da cidade de Horta, Ilha do Faial. Casou-se no Desterro em 1750 com Marianna Jacintha da Vitória, nascida na Freguesia de Feteira da cidade de Horta, e filha do Alferes Francisco Dutra de Faria e de Maria de Faria. Os pais de Thomás eram: Miguel Vieira de Mello, filho de Domingos Vieira e Isabel de Mello; Elena Eliza Bárbara de Jesus Aguiar – também grafado Helena de Jesus – nascida na Matriz da cidade de Horta, falecida em 15 de agosto de 1773 na Freguesia da Conceição, na mesma cidade²⁰. Helena de Jesus era filha de Domingos Guerreiro de Aguiar, falecido em 11 de março de 1718 na Freguesia da Matriz da cidade de Horta. Ele foi casado com Maria da Conceição, também falecida na Freguesia da Matriz em 28 de julho de 1706.

Antepassados da avó materna

Carolina Thomásia de Azevedo nasceu em 18 de dezembro de 1860, tendo sido batizada em janeiro de 1861. Em sua Certidão de Batismo²¹ consta como “filha legítima do Alferes Colatino Teixeira de Azevedo e Virgilina Thomásia de Farias; Avós paternos Francisco Teixeira de Azevedo e Maria Tolentina Teixeira de Azevedo; Avós maternos João Antônio Farias e Laurinda Maria da Conceição”. Seu pai Colatino – também com grafia Collatino – era, segundo sua Certidão de Casamento²², nascido e batizado na Bahia, enquanto sua mãe Virgilina havia nascido

e recebido batismo na mesma freguesia onde batizava a sua filha. Os registros de batismo ou casamento da ascendência materna de Carolina, entretanto, não foram encontrados entre os livros pesquisados.

Colatino, pai de Carolina Thomásia, foi batizado na Freguesia de Santíssimo Sacramento da Rua do Passo, cidade de Salvador, em 1835²³. Nascido a 3 de abril do mesmo ano, consta como “filho legítimo de Francisco Teixeira de Azevedo e Maria Tolentina Linhares”. No registro de Casamento de seus pais²⁴ consta que “Elle natural da Freguezia de Romariz, Comarca da Feira do Bispado do Porto, filho legítimo de Manoel de Azevedo, e Anna Thereza, com idade vinte quatro annos, vive de negócio, Ella natural desta Cidade, Freguezia da Rua do Passo, filha legítima de Antônio Jozé Linhares Moura, e Francisca Roza Ferreira, com idade vinte quatro annos”. A Certidão de Batismo de Maria Tolentina Linhares²⁵, de 1806, não acrescentou nenhuma nova informação à investigação genealógica. Da mesma forma, não encontraram-se informações adicionais sobre seus pais.

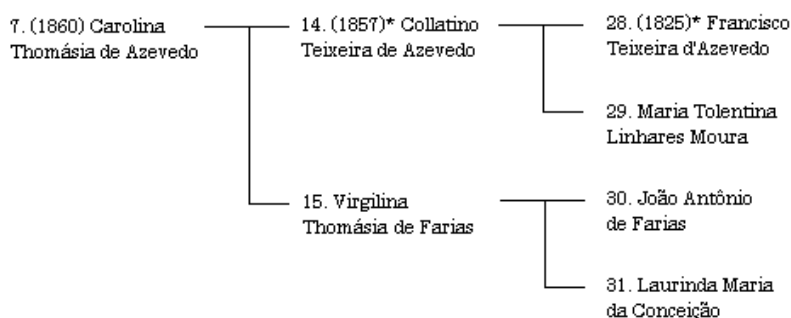


Fig. 5 - Ascendência de Carolina Thomásia de Azevedo, avó materna de Edith Dutra.

* Data de casamento.

DISCUSSÃO

A ilha de Florianópolis, denominada inicialmente de Nossa Senhora do Desterro, foi intensamente povoada por açorianos entre 1748 e 1756. Do recrutamento ocorrido em Açores, estimulado pelo Reino de Portugal, resultou o povoamento regional por aproximadamente 6.000 pessoas. Estes açorianos foram de importância vital para a manutenção das terras sob domínio português – em resposta às tentativas espanholas de domínio local – e desenvolveram suas vidas conforme os conhecimentos trazidos de seu cotidiano nas ilhas açorianas. Sendo

assim, desenvolveram-se com a agricultura e a pesca, além do trabalho de construção naval^{26,27}.

A rápida instalação de freguesias na vila de Nossa Senhora do Desterro favoreceu a documentação dos recém-chegados, que ambientaram-se ao local com mais facilidade na presença de religiosos enviados pela monarquia portuguesa. Muitas famílias provavelmente praticavam o catolicismo com naturalidade e convicção, já distantes temporalmente de seus antepassados cristãos-novos, forçados a seguir aos Açores para fugir da pressão popular existente na península Ibérica nos séculos XVI e XVII^{28, 29}.

A Proclamação da Independência, em 1822, e a necessidade de manter a unidade nacional frente às revoltas populares forçaram o recentemente constituído Império do Brasil a recrutar militares para suas Forças Armadas e também o obrigou a compor uma Guarda Nacional (30). As disputas por terras ao sul do Brasil exigiam a presença constante de militares na região, no intuito de debelar ações inimigas diversas. Tropas locais contribuíram para defender o Império do Brasil em distintas guerras, como na intervenção contra a Província Cisplatina e na Guerra do Paraguai^{11, 31}.

Nesse cenário de rápido crescimento populacional e de demanda por militares pode parecer natural a ocorrência de diversos membros de um ramo familiar nas forças armadas. Se, por um lado, as atividades típicas dos açorianos eram a agricultura e a pesca ou atividade relacionada com o mar, por outro havia espaço para a dedicação à pátria e a profissionalização militar.

CONCLUSÃO

As certidões encontradas nos arquivos da Igreja contribuíram sobremaneira para a confecção dos costados do autor. Investigações futuras poderão, entretanto, acrescentar ou completar dados não encontrados na presente pesquisa. Buscas via internet auxiliam na complementação das informações encontradas nos arquivos eclesiásticos.

BIBLIOGRAFIA

1. Certidão de Batismo: Edith. Arquivo Histórico Eclesiástico de Santa Catarina. Livro de Batismo da Catedral de Florianópolis 1904-1906 Fl.29 n.206, 15 de junho de 1904.
2. Certidão de Casamento: Ildefonso da Silva Dutra e Ormindia do Livramento. Arquivo Histórico Eclesiástico de Santa Catarina. Livro de Casamento da

- Catedral de Florianópolis 1911-1920 (26) Fl.24v n.84, 08 de dezembro de 1912.
3. Certidão de Batismo: Ormindá. Arquivo Histórico Eclesiástico de Santa Catarina. Livro de Batismo da Catedral de Florianópolis 1884-1885 Fl.33, 20 de setembro de 1884.
 4. Certidão de Batismo: Ildefonso. Arquivo Histórico Eclesiástico de Santa Catarina. Livro de Batismo da Catedral de Florianópolis 1878-1879 Fl.68v, 15 de março de 1879.
 5. Certidão de Casamento: Vellozínio Lourenço do Livramento e D. Carolina Thomásia de Azevedo. Arquivo Histórico Eclesiástico de Santa Catarina. Livro de Casamento da Catedral de Florianópolis 1881-1884 Fl.13, 21 de outubro de 1882.
 6. Certidão de Batismo: Vellozínio. Arquivo Histórico Eclesiástico de Santa Catarina. Livro de Batismo da Catedral de Florianópolis 1858-1861 Fl.8v, 12 de fevereiro de 1859.
 7. Certidão de Batismo: Carolina. Arquivo Histórico Eclesiástico de Santa Catarina. Livro de Batismo da Catedral de Florianópolis 1858-1861 Fl.43, 17 de janeiro de 1861.
 8. Certidão de Batismo: João. Arquivo Histórico Eclesiástico de Santa Catarina. Livro de Batismo da Catedral de Florianópolis 1820-1829 Fl.197, 25 de abril de 1829.
 9. Certidão de Casamento: João Luiz do Livramento e Arminda Amália da Silva. Arquivo Histórico Eclesiástico de Santa Catarina. Livro de Casamento da Catedral de Florianópolis 1850-1853 Fl.8V, 09 de fevereiro de 1851.
 10. Wikipedia. Marinha do Brasil. Disponível em: < http://pt.wikipedia.org/wiki/Marinha_do_Brasil >. Acesso em 24 de junho de 2011.
 11. BEZERRA, Genário. Coronelismo no Brasil. Disponível em: < <http://www.webartigos.com/articles/30903/1/A-GUARDA-NACIONAL-E-O-CORONELISMO-NO-BRASIL/pagina1.html> >. Acesso em: 25 de junho de 2011.
 12. Certidão de Casamento: Alferes Domingos Luiz do Livramento e D. Marianna Joaquina dos Prazeres. Arquivo Histórico Eclesiástico de Santa Catarina. Livro de Casamento da Catedral de Florianópolis 1809-1839 Fl.148V, 13 de junho de 1822.
 13. Certidão de Casamento: Joaquim Caetano da Silva e Rita Joaquina da Silva. Arquivo Histórico Eclesiástico de Santa Catarina. Livro de Casamento da Catedral de Florianópolis 1809-1839 Fl.23V, 23 de novembro de 1811.
 14. Certidão de Batismo: Ritta. Arquivo Histórico Eclesiástico de Santa Catarina. Livro de Batismo da paróquia de Lagoa 1789-1807 Fl.43V, 27 de junho de 1791.
 15. Certidão de Batismo: Domingos. Arquivo Histórico Eclesiástico de Santa Catarina. Livro de Batismo da Catedral de Florianópolis 1802-1820 Fl.48V, 22 de janeiro de 1806.

16. Certidão de Batismo: Maria. Arquivo Histórico Eclesiástico de Santa Catarina. Livro de Batismo da Catedral de Florianópolis 1837-1843 Fl.114, 26 de agosto de 1840.
17. Mitoblogos. Genealogia 532: Sargento-mor Tomás Francisco da Costa, do Desterro. Disponível em: < <http://mitoblogos.blogspot.com/2010/10/genealogia-532-sargento-mor-tomas.html> >. Acesso em: 02 de junho de 2012.
18. Contexto Político. Há um Século no Correio do Povo – História Virtual. Disponível em: < http://contextopolitico.blogspot.com.br/2009/05/ha-um-seculo-no-correio-do-povo_14.html >. Acesso em 20 de janeiro de 2013.
19. Fidelis & Soares. Capitão de Ordenanças Thomaz Francisco da Costa. Disponível em: < <http://www.fidelis-soares.com/getperson.php?personID=I027991&tree=LITNSC> >. Acesso em: 20 de janeiro de 2013.
20. Fidelis & Soares. Elena Eliza Bárbara de Jesus Aguiar. Disponível em: < <http://www.fidelis-soares.com/getperson.php?personID=I064770&tree=LITNSC> >. Acesso em 20 de janeiro de 2013.
21. Certidão de Batismo: Carolina. Arquivo Histórico Eclesiástico de Santa Catarina. Livro de Batismo da Catedral de Florianópolis 1858-1861 Fl.43, 16 de janeiro de 1861.
22. Certidão de Casamento: Colatino Teixeira de Azevedo e Virgilina Thomásia de Faria. Arquivo Histórico Eclesiástico de Santa Catarina. Livro de Casamento da Catedral de Florianópolis 1855-1858 Fl.15V, 08 de junho de 1857.
23. Certidão de Batismo: Collatino. Arquivo da Cúria Metropolitana Bom Pastor, Arquidiocese de São Salvador da Bahia. Livro de Registro de Batismo da Freguesia de Santíssimo Sacramento da Rua do Passo 1817-1877 Fl.127, 30 de agosto de 1835.
24. Certidão de Casamento: Francisco de Azevedo e Maria Tolentina Linhares Moura. Arquivo da Cúria Metropolitana Bom Pastor, Arquidiocese de São Salvador da Bahia. Livro de Registro de Casamento da Freguesia de Santíssimo Sacramento da Rua do Passo 1802-1888 Fl.42, 31 de outubro de 1825.
25. Certidão de Batismo: Maria. Arquivo da Cúria Metropolitana Bom Pastor, Arquidiocese de São Salvador da Bahia. Livro de Registro de Batismo da Freguesia de Santíssimo Sacramento da Rua do Passo 1793-1817 Fl.17, 12 de outubro de 1806.
26. Wikipedia. Açores. Disponível em: < <http://pt.wikipedia.org/wiki/A%C3%A7ores> >. Acesso em 24 de junho de 2011.
27. EVANGELHO JT. Imigração açoriana para o Brasil Meridional no Século XVIII. Anais do I Congresso de Genealogia do Rio de Janeiro. In: Brasil Genealógico – Revista do Colégio Brasileiro de Genealogia, 2005, Tomo V: p.45-57.

28. VAINFAS R & HERMANN J. Judeus e conversos na Ibéria no século XV: sefardismo, heresia, messianismo. In: GRINBERG K. Os judeus no Brasil: inquisição, imigração e identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005: p.15-41.
29. ASSIS AAF. A inquisição e cristãos novos no mundo ibérico e colonial. Anais do I Congresso de Genealogia do Rio de Janeiro. In: Brasil Genealógico – Revista do Colégio Brasileiro de Genealogia, 2005, Tomo V: p.15-33.
30. Wikipédia. Guarda Nacional (Brasil). Disponível em: < [http://pt.wikipedia.org/wiki/Guarda_Nacional_\(Brasil\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Guarda_Nacional_(Brasil)) >. Acesso em 20 de outubro de 2012.
31. AMARAL, Manuel. Os postos militares do Exército. Disponível em: < <http://www.arqnet.pt/exercito/postos.html> >. Acesso em: 25 de junho de 2011.